

O papel do meio ambiente natural na promoção dos portais turísticos governamentais nordestinos: velhos e novos paradigmas

Rosana Eduardo S. Leal (rosanaeduardo@pop.com.br)*

Resumo

O presente trabalho é resultado de parte da dissertação que vem sendo produzida no Mestrado em Comunicação da UFPE¹, que tem como objetivo desenvolver uma análise sobre a qualidade das informações dos portais turísticos governamentais do Nordeste. A motivação do estudo se deu pela importância que o ciberespaço vem apresentando na divulgação, informação e venda de serviços turísticos, sendo cada vez mais utilizado por empresas públicas e privadas da área, mas ainda pouco pesquisado cientificamente. Este artigo buscará tematizar o uso dos recursos naturais na promoção dos destinos turísticos na web, identificando os aspectos mais recorrentes do conteúdo apresentado.

Palavras-chave: recursos naturais, promoção turística, ciberespaço.

Abstract

The present work is the result of part of the dissertation that has been wrought out, during the Master's degree program in Media Studies at UFPE, which aims at developing an analysis about the quality of information at the Governmental tourist portals in Northeastern Brazil. The motivation of the study came from the importance that the cyberspace is presenting in the publication, information and sale of tourist services, which is being used more and more by public and private companies of the area, but that has been little researched scientifically. This article will try to thematize the use of the natural resources in the promotion of the touristic destinations on the web, identifying the most recurrent aspects of the presented subject matter.

Key-words: natural resources, touristic promotion, cyberspace.



Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social



Introdução

A motivação em desenvolver a pesquisa sobre a relação do turismo nordestino e a natureza se deu pela necessidade em compreender como o meio ambiente natural está sendo retratado nos portais nordestinos, a partir da análise dos elementos constitutivos desta representação. Para se ter tal resposta, a pesquisa buscou responder as seguintes indagações: quais e como são enfatizados os ecossistemas?; quais as principais modalidades turísticas ligadas à natureza?; que perfil de usuário se quer atingir?; há divergências na utilização dos recursos naturais para fins promocionais e informacionais?

Percebeu-se, durante o estudo, que a natureza possui papel fundamental na construção da imagem promocional do "Nordeste Turístico", estando presente em todas as páginas virtuais visitadas.

Há uma relação de dependência do turismo com o espaço geográfico, na medida em que o setor não só se utiliza, mas também se apropria dos ambientes naturais para transformá-los em espaços de práticas de lazer e de consumo dos visitantes. Isso ocorre, sobretudo porque a natureza é a base para o desenvolvimento turístico de qualquer destino, devido a constante busca dos visitantes pelas paisagens, cultura, patrimônio histórico e tudo que faz parte dos ambientes, dos lugares e territórios que a atividade turística se apropria (CORIOLANO, 2005).

Rodrigues salienta que no mundo globalizado atual, o turismo tem se expandido em escala planetária, sem poupar nenhum território, estando presente em "(...) zonas glaciais, nas cadeias terciárias, até nas regiões submarinas - na cidade; no campo; na praia; nas montanhas; nas florestas; savanas, campos e desertos; nos oceanos, lagos, rios, mares e ares" (1996:17).

A realidade anteriormente citada é um reflexo da civilização atual - gerida pelo excesso de trabalho, baixa qualidade de vida e altos índices de poluição - que começa a buscar um intenso reencontro com a natureza através dos deslocamentos turísticos. Krippendorf (2001 [1984]) define esta situação como ciclo de reconstituição do ser humano, que tem nas viagens a busca pela reconstituição das forças físicas e mentais. O autor sinaliza ainda que durante as viagens há um consumo do clima, da natureza e suas paisagens, da cultura e dos seres humanos das regiões visitadas, tornando-se uma espécie de "espaços terapêuticos".

Trata-se de um contexto que vem se descortinando desde os últimos anos do século XX, onde a sociedade passou a ampliar sua busca pela melhoria da qualidade de vida e possibilidade de distanciamento da vivência diária, marcadamente urbana e estressante.

Para o turismo, o meio ambiente passa a ser um importante condicionador do fluxo mundial, influenciando decisivamente na ampliação de destinos e modalidades do setor. Por isso é que cada vez mais o leque de opções ligadas ao meio ambiente natural vem crescendo, sobretudo pela necessidade identificada em estreitar a relação entre o ser humano e o seu entorno.

O marketing turístico se apóia numa série de engodos para estimular o deslocamento humano, apresentando o lazer, e por extensão, o turismo como necessidades básicas da sociedade contemporânea. A natureza, neste caso, representa a um espaço de regeneração ou de busca pelo tradicional e/ou 'autêntico' modo de vida do passado - que vem sendo resgatado para contrabalançar o artificialismo da vida nos grandes centros urbanos, baseado nas relações impessoais, individualistas e isoladas (RODRIGUES apud DIAS, 2005).

* Mestranda em Comunicação pela UFPE, Bacharel e Técnica em Turismo pela UFPE e CEFET/PE e Docente em Turismo e Hotelaria da UNIVERSO/Recife.
E-mail: rosanaeduardo@pop.com.br

A atividade turística possui uma relação paradoxal com os recursos naturais, podendo tanto favorecê-lo quanto prejudicá-lo. Pode contribuir para o processo de valorização de áreas naturais, principalmente porque o segmento atrai a participação da iniciativa privada (gerando investimentos na área) e da iniciativa pública (melhorando os serviços públicos locais, através do planejamento e inserção de medidas de monitoramento dos espaços). Isso possibilita uma ampliação de atrações turísticas, equipamentos turísticos (hotéis, pousadas, restaurantes), serviços turísticos (passeios, trilhas ecológicas, mergulho, esportes náuticos) e serviços públicos (novas vias de acesso, melhoria da infra-estrutura de segurança, saúde, saneamento, limpeza e iluminação pública). Porém, o mesmo desenvolvimento anteriormente citado poderá ser o mesmo que possibilitará o aumento de prejuízos ambientais para as localidades, devido aos impactos negativos causados pela atividade. "Os lugares turísticos mais atrativos e organizados, mais trabalhados pelos meios de comunicação de massa conseguem mobilizar maiores fluxos de turistas e de capitais, mas, por outro lado, são os que ficam mais vulneráveis aos grandes impactos" (CORIOLANO, 1998:145).

Dias (2003:20) compreende que

"O turismo tem-se revelado um grande consumidor de espaço, especialmente aqueles que apresentam elevado valor ambiental, e particularmente apresenta uma tendência marcante de concentrar-se no litoral, embora tenha crescido o fluxo para o interior".

Essa leitura pode ser feita para o Nordeste, que nos portais visitados apresenta um intenso conteúdo sobre o litoral, mas que ao mesmo tempo vem buscando inserir as cidades interioranas como destinos turísticos locais. O embate entre interior e litoral retrata o resultado de políticas públicas desenvolvidas na região, com o intuito de

estimular o fluxo turístico de visitantes com perfis e motivações distintas.

De um lado tem-se a valorização do modelo do turismo de "sol e praia", através de políticas voltadas para mega projetos turísticos na costa litorânea nordestina. Neste modelo há uma concentração de grupos transnacionais do setor hoteleiro, que obedecem a padrões internacionais de urbanização turística. O Nordeste passou a ser o grande canalizador destes empreendimentos, que estão intensamente instalados nos mais diversos estados, como ocorre com "(...) o Projeto Parque das Dunas - Via Costeira (Natal-RN); o Projeto Cabo Branco (Paraíba); o Projeto Costa Dourada (Pernambuco e Alagoas); e o Projeto Linha Verde (Bahia), com o megaresort Costa Sauípe" (HAZIN, OLIVEIRA e MEDEIROS, 2001:05).

Do outro lado há a presença do estímulo ao turismo interiorano, que permite maior contato com as raízes nordestinas e seus elementos sociais, culturais e naturais, através do processo de municipalização turística, que vem abarcando diversos ecossistemas, como é o caso do sertão.

Nordeste: velhos e novos paradigmas

Nos últimos anos o turismo no Nordeste vem crescendo em todos os sentidos - no fluxo de visitantes, na quantidade de equipamentos hoteleiros, nas opções de destinos e no volume de capital gerado pela atividade - apresentando-se como atividade de considerável potencial de desenvolvimento regional. A busca pelo contato com a natureza e a contemplação das diversas paisagens aparece como uma das principais motivações para a visitação da localidade, tendo os recursos naturais um papel significativo neste contexto.

O Nordeste possui características ambientais que contribuem sobremaneira

para atividades ligadas à natureza. O clima agradável, a diversidade e exuberância de seus recursos naturais, além da estratégica posição geográfica fazem do Nordeste um importante destino turístico brasileiro, principalmente pelo cenário de tropicalidade que muito agrada os visitantes. Nos portais nordestinos verificou-se que a preocupação governamental em oportunizar informações sobre a riqueza paisagística e a diversidade natural é latente, uma vez que os atrativos naturais estiveram presentes em todos os sites, como elemento de representação da localidade.

Um aspecto relevante percebido durante a investigação foi a reorientação que vem se estabelecendo na construção simbólica do "Nordeste Turístico" - que por muito tempo esteve concentrado no dueto "sol e praia" e que agora parte para outros ecossistemas, paisagens e roteiros distantes do litoral. Os governos estão promovendo atrativos naturais como matas, serras, cachoeiras, dunas e rios que evidenciam essa mudança de paradigma. Neste sentido o Nordeste descentraliza a sua vocação para o turismo de lazer e passa a ser representado como área de desenvolvimento do turismo alternativo, através do ecoturismo voltado para a prática de esportes radicais.

Os estados que apresentaram maior distanciamento da perspectiva do turismo litorâneo foram o Piauí e o Maranhão. No Piauí, os parques nacionais e parques municipais são os elementos naturais de maior evidência - não só pela sua diversidade de fauna e flora, mas também pelo seu acervo e importância arqueológica. Já o Maranhão, que está localizado em uma área de transição, e que por isso agrega características ambientais tanto do Nordeste como do Norte, apresenta-se como destino vocacionado para o ecoturismo e o turismo de aventura. Os pólos de visitação maranhenses são divulgados a partir da diversidade natural herdada das

duas regiões, tais como: Parques dos Lençóis, Delta das Américas, Chapada das Mesas e Floresta dos Guarás.

As praias permanecem tendo grande destaque e presença na divulgação oficial da região, principalmente pelos elementos paisagísticos que atraem sobremaneira os fluxos turísticos, pois

"Suas praias, muitas das quais em condições de 'primeira natureza' e com temperaturas elevadas o ano todo, constituem áreas preferenciais para o turismo, para a contemplação e o descanso, dimensões estas que compõem o 'modelo existencial da sociedade industrial'" (BENEVIDES, 1998:48)

O litoral é representado como área de rara beleza, com águas mornas, calmas e cristalinas, que devido à presença dos corais tem-se o aparecimento de piscinas naturais, favorecendo passeios, banhos e mergulhos.

Em alguns sites são apresentadas faixas litorâneas ainda pouco povoadas, que paralelamente as praias urbanas já inseridas no circuito turístico tradicional, estão paulatinamente se adaptando à atividade turística, promovidas como paraísos perdidos e espaços de exuberante diversidade ambiental, como se percebe:

"Mar de águas cristalinas, calmas, mornas, verdes, tapetes tecidos em finas areias brancas, coqueirais e jangadas, temperatura agradável e sol o ano inteiro, no Rio Grande do Norte há belas praias. Algumas são desertas, como São Miguel do Gostoso, Ponta do Mel, Zumbi e Perobas, que oferecem tranqüilidade e uma beleza selvagem ao local; outras são agitadas, como Pipa, Ponta Negra, Genipabu e Pirangi do Norte" (site do Rio Grande do Norte, 17.09.2005).

Conforme Cruz (2001:264 [1995]), há alguns fatores geográficos representativos que influenciam diretamente na

configuração do litoral nordestino como área vocacionada "para e pelo" turismo:

"Todos os estados que compõem a Região Nordeste são litorâneos, e somadas as extensões de costa de cada um deles tem-se, aproximadamente, 3.300 km (o que corresponde a quase 50% do litoral brasileiro, que possui, em linha reta, cerca de 7.000 km de extensão)".

O autor complementa ainda que com exceção do Piauí, todos os estados nordestinos têm capitais litorâneas, aspecto que possibilita o turismo de lazer nos centros urbanos. Essa característica contribuiu por muito tempo para a concentração dos fluxos turísticos nas capitais dos estados, o que acarretou em alguns casos o reduzido número de visitantes nas cidades interioranas.

Para mudar esta realidade, os governos vêm buscando aos poucos descentralizar e interiorizar o turismo na região, planejando e promovendo novos pólos municipais. Isso se deve, sobretudo pela influência de projetos que vem sendo desenvolvidos em nível federal, com a finalidade de buscar o fortalecimento do turismo nos municípios, como o PMNT e o PNT.

O processo de inserção do interior nordestino na divulgação turística teve influência inicial do PMNT - Programa Nacional de Municipalização do Turismo, criado em 1992, no governo do então presidente Fernando Henrique. Tinha por finalidade a descentralização e fortalecimento do poder público municipal na gestão de políticas, programas e ações locais voltadas para municípios com potencial turístico (SILVA JÚNIOR, 2004).

A busca por uma gestão descentralizada se manteve no atual mandato do presidente Lula, através da Política Nacional de Turismo, cujo instrumento principal é o PNT - Plano Nacional de Turismo, com vigência desde 2003, em que:

"Ainda como parte da política de descentralização, os Municípios serão incentivados a criar os Conselhos Municipais de Turismo e organizarem-se em consórcios para formar Roteiros Integrados, ofertando um conjunto de produtos turísticos, completando-se assim o sistema de gestão do turismo brasileiro" (PNT, 2003:13).

O Nordeste atualmente vem passando por um processo de redescoberta e de ressignificação da imagem. Na mídia, a região não é mais apenas sinônimo de problemas sócio-econômicos e estruturais, mas também celeiro de riquezas naturais, históricas e culturais. Benevides (1998) acredita que a região passa a ser vista como espaço privilegiado de atratividades naturais, recursos paisagísticos e climáticos, valorizados principalmente pela prática do turismo internacional.

O mesmo autor salienta também que os territórios identificados como exóticos e inusitados passam a corresponder às motivações das demandas contemporâneas, em que há "(...) fluxos para os países periféricos, em particular para os chamados paraísos tropicais - espaços de reserva de valor - que só agora, com nova vocação, entram em cena" (RODRIGUES apud BENEVIDES, 1998: 28).

Os portais apresentaram como principais elementos paisagísticos da região, além das praias, as dunas, os coqueiros e rios. Nos portais do Rio Grande do Norte e Maranhão as dunas são bastante valorizadas, sendo o Parque das Dunas (RN) e o Parque Nacional dos Lençóis (MA) seus principais representantes. Esse espaço natural é normalmente utilizado para passeios, caminhadas e banhos nas diversas lagoas existentes. Tal paisagem, apresentada através da imensidão de areias que se assemelham a um deserto, possuem características diferenciadas de outros ecossistemas da região, estando "entre os mais representativos elementos da paisagem

litorânea regional, sendo amplamente utilizadas pelo turismo, principalmente como recurso paisagístico" (CRUZ, 2001:264 [1995]).

Os coqueiros também foram freqüentemente lembrados como vegetações que emolduram as praias nordestinas, servindo como expressivo componente representativo local, pois,

"A vegetação típica do litoral nordestino, que tem no coqueiro seu principal representante, é outro recurso paisagístico importante na composição da paisagem turístico-litorânea nordestina. A presença de coqueiros nas praias e ao longo de vastos trechos da orla não somente ameniza o rigor das altas temperaturas locais mediante a geração de espaços sombreados, mas também atua como importante componente visual" (CRUZ, 2001, p.265[1995]).

Este elemento esteve representado principalmente na imagem e no discurso do portal do estado de Alagoas, intitulado inclusive um dos roteiros existentes no estado.

Além das dunas e coqueiros, os rios também seguem como outro elemento constitutivo da paisagem nordestina, dos quais tem em seus relevantes espaços turísticos, por serem áreas observáveis durante os passeios fluviais (LEMOS, 2001[1995]). O rio São Francisco, inserido como roteiro turístico dos estados da Bahia, Sergipe e Alagoas, tem sido divulgado não só pelo sua riqueza natural, mas também pelo papel social, político e cultural que exerce na região. As paisagens, dunas, área de várzea e o encontro deste rio com o mar são vistos como importantes atrativos pelos órgãos oficiais locais. O Rio São Francisco é apresentado nos sites como espaço de atividades de lazer, prática de esportes náuticos, turismo de pesca e passeios de barco.

A concepção do turismo sustentável na promoção da região Nordeste

Para Coriolano (2005) o capitalismo transformou o meio ambiente natural em recurso econômico e, por conseguinte em mercadoria, desencadeando um processo de deterioração das condições de vida no planeta e fazendo emergir discussões mundiais sobre o uso sustentável desses territórios.

Em meados do século XX houve o processo de fortalecimento da conscientização ambiental não só no aspecto natural, mas também no campo social e político, através da exigência de mudanças de comportamento e no exercício de práticas ecologicamente corretas, que levassem em consideração a responsabilidade social das empresas e a busca de modelos alternativos no desenvolvimento.

O turismo, como mais um setor da economia, também trilhou o processo de consumo exacerbado do meio ambiente - inicialmente através do estabelecimento de uma relação individualista e de consumo - utilizando-se de procedimentos massivos, de desrespeito e apropriação inadequada dos recursos naturais. Ao se ver diante desse novo paradigma de desenvolvimento, o setor passou a assumir novas propostas para a redução dos impactos socioculturais, econômicos e ambientais. Dias (2003:17) esclarece que o surgimento dessa nova perspectiva ocorreu em decorrência de uma série de circunstâncias, tais como:

" O aumento da consciência da necessidade de preservação dos recursos naturais;

" A necessidade psicológica das pessoas de encontrarem alternativas de lazer diferentes das praticadas nos grandes centros urbanos;

- Maior aproximação de formas simples de vida em contraposição à complexidade da vida moderna nos grandes centros urbanos;

" Busca de melhor qualidade de vida, que se traduz em maior interação com a natureza.

Este paradigma foi constantemente percebido nas páginas virtuais pesquisadas, a partir da freqüente valorização político-econômica dos aspectos ambientais - reconhecidos como espaços de utilização e conservação ecológica a partir da influência do conceito da sustentabilidade². Esta terminologia é utilizada para representar a busca pela compatibilização entre o desenvolvimento turístico e a conservação dos recursos ambientais, sejam eles naturais ou culturais. Trata-se de uma mudança que vem ocorrendo em escala global, percebida como a busca pela redução dos impactos causados pelo turismo.

"Na atividade turística, essa evolução dos paradigmas aponta para uma substituição do turismo de massa por um tipo mais brando, para a busca de um desenvolvimento auto-sustentável e de uma atitude mais responsável em relação à natureza e ao meio ambiente" (DENCKER, 1998: 35).

Nos portais, o turismo de "sol e praia" vem sendo publicizado paralelamente ao turismo alternativo - que representa esta fuga da padronização das atrações e serviços turísticos, sendo resultado da busca pela qualidade de vida evidenciada mundialmente.

As áreas naturais, sobretudo àquelas que são protegidas legalmente, são hoje consideradas de intensa atratividade, sobretudo pelos elementos que constituem a paisagem, a fauna e a flora, que em conjunto com os elementos culturais atraem não só demandas nacionais, mas também estrangeiras. Farias (2003) observa que o turismo passou a ter uma importância

fundamental para promoção de benefícios socioeconômicos em Áreas de Proteção Naturais, recebendo um fluxo cada vez maior de visitantes. O portal de Alagoas, por exemplo, ao divulgar a Área de Proteção Ambiental Marinha Costa dos Corais como opção de destino turístico, deixa bem claro este novo modelo:

"Devido a sua importância, foi criado a Área de Proteção Ambiental Marinha Costa dos Corais. Nesses ambientes, o turista poderá observar uma rica biodiversidade marinha, e com o manejo adequado à atividade turística será fundamental para a conservação deste fantástico ecossistema" (Site de Alagoas, 17.09.2005).

As áreas naturais de conservação estão representadas nos portais através das estações ecológicas, APA³s, parques, projetos de preservação ambiental, reservas, RPPN⁴'s, entre outros. Porém, percebe-se que para a utilização adequada das áreas preservadas, se faz necessário desenvolver campanhas educativas governamentais, que orientem os fluxos turísticos sobre os impactos causados pelo uso inadequado dos espaços visitados. Neste sentido, os sites oficiais poderiam ser utilizados como mais uma ferramenta de conscientização e orientação de práticas e princípios básicos para o contato com o patrimônio natural, cultural e comunidades locais - podendo ser também usado como um veículo de educação turística para seus usuários, seja visitantes, empreendedores ou mesmo agentes de viagens.

Mesmo com a presença constante da perspectiva preservacionista, quase não foi identificada a preocupação dos organismos em desenvolver um trabalho educativo junto aos seus usuários, pois

"(...) a falta de cultura turística dos visitantes faz com que se comportem de forma alienada em relação ao

3 Área de Proteção Ambiental.

4 Reserva Particular do Patrimônio Natural

meio que visitam - acreditam que não têm nenhuma responsabilidade na preservação da natureza e na originalidade das destinações" (RUSCHMANN apud DIAS, 2003:15).

O discurso ligado à educação ambiental foi identificado de maneira tímida no portal da Bahia, que orientava sobre os procedimentos que deveriam ser tomados por àqueles que buscavam visitar espaços naturais. Nos demais sites, nada foi percebido neste sentido.

As modalidades do turismo sustentável apresentadas

Mesmo com a intensa presença do turismo sustentável, o turismo de massa também esteve evidenciado nos sites no conteúdo ligado às orientações básicas dos viajantes. As informações essenciais, que deveriam atingir as duas modalidades turísticas, estão direcionadas principalmente para esta demanda convencional. Isso ocorre através da disponibilização de serviços turísticos que seguem o caráter padronizado e típico do turismo tradicional, estando longe de atingir as necessidades informacionais da demanda do turismo alternativo.

No que se refere ao aspecto promocional, vê-se que a concepção da sustentabilidade está presente em grande parte dos portais, através do turismo alternativo⁵ que teve como principal representante o ecoturismo - presente em todos os portais pesquisados.

O ecoturismo tem sido a atividade que representa também o processo de interiorização turística do Nordeste, agregando localidades ainda pouco conhecidas. É utilizado normalmente por àqueles que buscam maior contato com a realidade social e econômica do destino, através de relações mais estreitas com a população local e o cotidiano do lugar.

As serras foram apresentadas como às áreas mais utilizadas para o ecoturismo,

representadas como espaços onde se situam formações rochosas de significativas altitudes, fontes de água, cachoeiras, reservas ecológicas e sítios arqueológicos, sendo evidenciadas também como variado conjunto de fauna e flora, que favorece o desenvolvimento dos esportes radicais.

As práticas esportivas aparecem como opção de lazer bastante enfatizada para se ter contato com o meio ambiente natural. No portal da Bahia, por exemplo, há um vasto conteúdo de modalidades esportivas que podem ser desenvolvidas no estado, do qual o usuário tem a possibilidade de identificar os tipos de esportes radicais, as localidades destinadas a essa prática, grupos de praticantes e eventos ligados à temática. O estado do Ceará também estimula tais opções, como se pode perceber a seguir:

"Para os amantes da natureza e dos esportes, o Ceará é um verdadeiro desafio. A diversidade de terrenos e climas (praias, sertão e serras) oferece para os turistas uma combinação perfeita de aventura e ecologia em modalidades tão diferentes quanto windsurf, rappel ou montanhismo. Os roteiros são muitos e variados". (site do estado do Ceará, 18.09.2005)

Os sites demonstraram o reflexo da necessidade contemporânea em buscar o contato com o meio ambiente natural e cultural, através de experiências turísticas que se distanciam do turismo tradicional. Essa realidade aparece como um componente de atratividade do lugar, como ocorre na divulgação de vilarejos e povoados baianos:

"Vilarejo praiano, com apenas 30 casas, onde uma comunidade nativa, de hábitos simples, sobrevive da pesca e vem diversificando sua economia com a produção e venda de artesanato confeccionado com palha de piaçava: tapetes, bolsas, chapéus, jogo americano, etc". (site da Bahia, 18.09.2005)

⁵ De acordo com Wearing e Neil apud Dias (2003:16): "o termo alternativo implica o seu oposto. Assim, turismo 'alternativo' é oposto ao que é visto como negativo ou prejudicial no turismo convencional: caracteriza-se pela tentativa de minimizar o visível impacto ambiental e socio-cultural negativo das pessoas em férias, promovendo abordagens radicalmente diferentes em relação ao turismo convencional". Nesta concepção de turismo há uma predominância das atividades que permitem um maior contato com a natureza, como o agroturismo, ecoturismo, turismo de aventura, e práticas esportivas (DIAS, 2003).

Na divulgação dos estados são identificadas muitas localidades voltadas para o ecoturismo que ainda não estão completamente preparadas turisticamente, possuindo algumas vezes pequena infraestrutura de hospedagem e alimentação.

O sertão redescoberto nos portais

Os estados nordestinos vêm divulgando variados cenários para a prática do ecoturismo⁶, e é neste contexto que surge o sertão como mais um território de atratividade turística. A área sertaneja esteve inserida como produto turístico nos portais da Bahia, Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará apresentando-se como um importante elemento natural da região. Os estados citados destacaram o local como típico ecossistema regional, sendo a caatinga o principal recurso natural - detentora de singular variedade de "(...) arbustos secos, cactáceas, bromeliáceas e árvores de rara beleza (...)", com natural vocação para a exploração botânica (CONTI, 1997:22).

Mesmo estando numa área castigada pela seca e com problemas econômicos e sociais crônicos, existem outros elementos marcantes para serem conhecidos pelos visitantes, como é o caso do artesanato e da população local. Os sertões nordestinos possuem ainda açudes que estão sendo utilizados para atividades náuticas e aquáticas.

"Nas regiões semi-áridas, formas de relevo residuais denominadas de 'inselbergs' emergem, formando saliências em áreas horizontalizadas e apresentam extraordinária beleza paisagística. Geralmente constituídos por granitos ou migmatitos, resultam de processos erosivos típicos de regiões secas. No território brasileiro é no interior nordestino que estão os mais conhecidos e já começam a ser alvo de visitas turísticas" (CONTI, 1997: 25).

O sertão é também percebido pela sua importância paisagística e arqueológica. No site sergipano é representado pelo Canyon de Xingó, tendo como atrativos as diversas paisagens, formações rochosas, trilhas ecológicas e o parque temático da caatinga. A Paraíba apresenta o sertão a partir do Vale dos Dinossauros, onde são encontradas marcas deixadas por gigantes animais que habitavam a região. Os sítios arqueológicos também aparecem nos sites do Rio Grande do Norte e Ceará, como espaços onde viveram antigas civilizações, como se percebe no trecho a seguir:

"No sertão do Nordeste do Brasil, desenvolveu-se uma arte rupestre pré-histórica das mais ricas e expressivas do mundo, demonstrando a capacidade de adaptação de numerosos grupos humanos que povoaram a região desde épocas que remontam ao pleistoceno final. Os mitos e cerimoniais representados significam o imaginário das mais profundas e antigas raízes nordestinas". (site do Rio Grande do Norte, 18.09.2005)

Este território, que por tantas décadas figurou como sinônimo de fome, miséria e desnutrição, hoje vem sendo redescoberto pelo turismo alternativo através do contato da demanda turística com o seu típico ambiente natural, social e cultural. A emergência turística desse espaço retrata a busca por experiências turísticas mais qualitativas que quantitativas, através da marcha para o interior, que trás com ele elementos lingüísticos, modos de vida, paisagens e fatores históricos distintos dos já evidenciados pelo turismo convencional, sendo o local ideal para se ter contato com o Nordeste brasileiro.

Considerações finais

A consciência do Estado em buscar desenvolver a atividade turística de forma sustentável, intensamente constatada nas

⁶ Praias, morros, vales, grutas, pesca, morros, mirantes, projetos de preservação de fauna e flora, sítios históricos, fontes d'água, serras, águas termais, cascatas, engenhos, estâncias hidrominerais, povoados, jardins botânicos, ilhas, manguezais, parques ecológicos, balneários, corredeiras, ruínas, cavernas, cachoeiras, reserva ambientais, mirante, recifes, terras indígenas, lagoas, rios, vilas, trilhas, entre outros elementos.

páginas turísticas visitadas, está sendo trabalhada também como mecanismo mercadológico, que reflete a lógica capitalista atual. Trata-se de um discurso voltado para o "politicamente correto" que pode camuflar e/ou dar uma nova roupagem ao turismo tradicional.

Neste sentido, concorda-se com a visão de Magalhães apud Dias (2003:16) quando diz que "O turismo alternativo é talvez o resultado da saturação do turismo de massa, uma estratégia de expansão capitalista ou fruto de uma emergência das questões ambientais que vêm ocupando gradativamente o centro do cenário político internacional". Essa situação é facilmente percebida ao se comparar o conteúdo promocional com o conteúdo informacional existente nas páginas virtuais. No primeiro prevalece o turismo suave e de baixo impacto, ou seja, o turismo sustentável. Já no segundo tem-se a concentração de conteúdos destinadas as viagens padronizadas, que não se preocupa com o conjunto de questões relacionadas a sustentabilidade. A questão é saber até que ponto o turismo alternativo está sendo divulgado na sua essência, uma vez que ao se contrapor aos serviços disponibilizados percebe-se a falta de informações destinadas a esta modalidade.

É o que compreende Rodrigues apud Dias (2003:105) quando diz que "trata-se da comercialização de estereótipos, da venda de imagens, de rótulos, com o objetivo concreto e explícito da captação de nichos de demanda diferenciados". Na verdade o turismo de massa vem sendo promovido com a roupagem do turismo alternativo, tentando criar uma nova leitura do turismo nordestino a partir da idéia de sustentabilidade.

O modelo turístico predominante nos sites é o convencional, prevalecendo a racionalidade econômica, voltada para os serviços, equipamentos e atividades turísticas

já conhecidas que primam por informações turísticas convencionais.

O ecoturismo surge como o novo modelo de promoção nordestina, estando longe de ser desenvolvido na sua real concepção. Como concebe Dias (2003: 104) "(...) o ecoturismo é algo mais que a publicidade de um cenário e a proteção de alguma espécie; pretende oferecer opção real de desenvolvimento sustentável para as populações locais e regiões localizadas com escassas alternativas para outro tipo de atividade produtiva, assim como gerar recursos para proteger efetivamente os ecossistemas".

O sertão também é outra questão a ser levantada, sobretudo porque vem recebendo uma nova construção imagético-discursiva pelos organismos oficiais. Neste trabalho, o que foi percebido é que há um sertão que não deixa para trás a sua já conhecida construção ideológica, como espaço de exclusão social, fome, atraso, miséria. Mas que passa também a ser um espaço de reencontro com os elementos sociais e culturais perdidos pela sociedade contemporânea.

O meio ambiente sertanejo começa a ser percebido não só pelos aspectos geográficos, de fauna e flora, mas também pela singularidade paisagística, pela ordenação do espaço e pelo modo de vida existente. Trata-se do processo de inserção deste espaço na atividade turística - que por muito tempo deixou de levar em consideração suas especificidades e que hoje vem permitindo descortinar um Brasil ainda pouco conhecido pelos próprios brasileiros.

Referências bibliográficas

- BENEVIDES, Ireleno Porto. Turismo e Prodetur: dimensões e olhares em parceria. Fortaleza: EUFC, 1998.
- BENI, Mário. Análise Estrutural do Turismo. 8ª

- ed. São Paulo: ed. SENAC, 2003.
- CONTI, José Bueno. "A natureza nos caminhos do turismo" in RODRIGUES, Adyr (org.). Turismo e Ambiente. Reflexões e Propostas. São Paulo: HUCITEC, 1997, p. 17-26.
- CORIOLOANO, Luzia Neide. Turismo e Meio Ambiente: a (in) sustentabilidade em questão. Palestra proferida no IX Encontro de Turismo com Base Local. 2005, Recife.
- _____ Do local ao global: o turismo litorâneo cearense. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. "Políticas de turismo e construção do espaço turístico-litorâneo no Nordeste do Brasil" in LEMOS, Amália Inês Geraiges (org). Turismo: impactos socioambientais. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2001, p. 263-272.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti. Métodos e técnicas de pesquisa em turismo. São Paulo: Futura, 1998.
- DIAS, Reinaldo. Turismo Sustentável. São Paulo: Atlas, 2003.
- HAZIN, Ana Lúcia; Oliveira, Cleide Galiza; MEDEIROS, Rejane Pinto de. Cultura e turismo: interação ou dominação? In: Trabalhos para Discussão. n.121. Outubro/2001. Disponível em: www.fundaj.gov.br/tpd/121.html. Acesso em: 08.11.2005.
- KRIPPENDORF, Jost. Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. 2ª edição. São Paulo: Aleph, 2001.
- LEMONS, Amália Inês Geraiges (org). Turismo: impactos socioambientais. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2001.
- LEONY, Ângela. "Circuito do Diamante: uma abordagem do ecoturismo na Bahia" in RODRIGUES, Adyr (org.). Turismo e Ambiente. Reflexões e Propostas. São Paulo: HUCITEC, 1997, p. 117-137.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. Introdução ao Turismo. São Paulo: Roca, 2001.
- PIRES, Paulo dos Santos. A dimensão conceitual do ecoturismo. In: Turismo - visão e ação, v.1, n.1. Itajaí: Editora da UNIVALI. 1998, p. 75-91.
- Plano Nacional do Turismo: diretrizes, metas e programas 2003 - 2007. Disponível em: <http://institucional.turismo.gov.br>. Capturado em: 13.09.2005
- RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org). Turismo, modernidade, globalização. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.